

BALANÇO DE GÊNERO NAS CONFEDERAÇÕES OLÍMPICAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO¹

Maria Paula Louzada Mion,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Gabriela Borel Delarmelina,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Juliana Gomes Rodrigues Colona,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Mariana Zuaneti Martins,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: igualdade; mulheres; esporte.

INTRODUÇÃO

Atualmente, existem evidências de uma correlação significativamente positiva entre o fomento de políticas que visam a igualdade de gênero dentro do esporte e o satisfatório desempenho atlético de mulheres em competições internacionais (LEEDS, LEEDS, 2012; HOFFMANN et al., 2006). Ao reconhecer o fenômeno esportivo como um espaço de empoderamento feminino, políticas públicas e planos direcionados ao desenvolvimento do esporte de mulheres têm indicado a importância da inclusão e participação de mulheres nas tomadas de decisões de instituições que regem o esporte, como na Nova Zelândia e nos Estados Unidos da América. No caso brasileiro, o movimento de criação de comitês para o esporte feminino dentro das confederações esportivas tem sido responsável pela reivindicação e garantia de direitos para as mulheres. Além dos comitês gerenciados e vinculados às confederações - como o caso do Comitê Feminino da CBF e da CBA - há, também, outros criados por atletas e ex-atletas federados, como o caso do Comitê Feminino da Natação Brasileira (CFNB). Mais recentemente, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), criou um cargo dedicado ao esporte feminino, além de ter provocado mudanças na organização de

¹ Agradecemos ao PAEPE-UFES e à CAPES pelo fomento dessa pesquisa.

competições para mulheres que agora representam 49% da delegação olímpica brasileira (CASTRO, 2021). Entretanto, apesar da recente ação do COB, são poucas as confederações que têm, atualmente, departamentos ou políticas voltadas para o desenvolvimento do esporte de mulheres. Nesse sentido, esse trabalho tem por objetivo descrever o balanço de gênero nas confederações olímpicas brasileiras, em termos de existências de competições, gestoras, treinadoras, atletas de excelência e planos específicos para a modalidade.

METODOLOGIA

Para tanto, levantamos nos sites oficiais das 35 confederações brasileiras de modalidades esportivas olímpicas os dados sobre as competições adultas e de base de 2019, a existência de mulheres na gestão e nas comissões técnicas olímpicas, de 2021, a participação atual de mulheres na comissão de atletas e nos jogos olímpicos de 2016 e da juventude, de 2019. Por fim, buscamos a existência de planos ou coordenações específicas para desenvolvimento do esporte feminino. Com esse levantamento, transformamos estes dados em indicadores mensuráveis e, com base, construímos um banco de dados, o qual analisamos por meio de estatística descritiva.

RESULTADOS

Nossos resultados indicam que em cerca de 65% das confederações, existem as mesmas competições Adultas femininas em relação às masculinas em 2019. Em relação às competições de base, há igualdade em cerca de 40% das confederações. Cabe destacar, que em 20% das confederações, não conseguimos obter um dado consistente. Do ponto de vista da participação de mulheres nos cargos de liderança, existe a presença delas em cerca de 57% das confederações, entretanto, elas ocupam apenas 18% dos cargos disponíveis. Os cargos ocupados, em geral, são de secretaria ou administrativos. No entanto, quando se refere à participação de mulheres na comissão técnica da seleção brasileira adulta, apenas 8% das confederações apresentam alguma mulher presente. O espaço onde há menor desproporcionalidade na participação é na comissão de atletas, já que em todas as confederações que possuem membros nomeados, há mulheres. Entretanto, elas representam somente 36% do total de membros. Ainda, não há balanço de gênero entre atletas homens e mulheres dessas confederações. Isso se traduz na estrita preocupação com o desenvolvimento

do esporte feminino. Apenas 25% das confederações possuem algum tipo de plano de fomento da modalidade. No que tange a participação olímpica, as mulheres representam 44% da delegação brasileira na Rio 2016. A presença delas nas Olimpíadas da Juventude é ainda menor, somando 39% dos atletas competidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses dados reafirmam cenários de desproporcionalidade em termos de gênero nos esforços, na participação e na gestão das confederações olímpicas brasileiras. Nesse sentido, seria interessante a existência de programas de equidade, sobretudo, nas posições de liderança, nas quais há poucos ou não há mulheres, as quais a literatura tem apontado como importante ferramenta para a constituição do balanço de gênero no esporte.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Daniel E. de. COB cria área voltada ao esporte feminino sob comando de Isabel Swan, medalhista em 2008. In: **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 16 jun. 2021

HOFFMANN, Robert et al. International women's football and gender inequality. **Applied Economics Letters**, v. 13, n. 15, p. 999-1001, 2006.

LEEDS, Eva Marikova; LEEDS, Michael A. Gold, silver, and bronze: Determining national success in men's and women's Summer Olympic events. **Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik**, v. 232, n. 3, p. 279-292, 2012.

LOWEN, Aaron; DEANER, Robert O.; SCHMITT, Erika. Guys and gals going for gold: The role of women's empowerment in Olympic success. **Journal of Sports Economics**, v. 17, n. 3, p. 260-285, 2016.